

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

EDUARDA DOS PASSOS GONÇALVES

GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: INVESTIGANDO O
COMPORTAMENTO DOS ESTUDANTES

FLORIANÓPOLIS
2017

EDUARDA DOS PASSOS GONÇALVES

GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: INVESTIGANDO O
COMPORTAMENTO DOS ESTUDANTES

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado na Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Educação Física.

Orientadora: Luciana Fiamoncini

FLORIANÓPOLIS
2017

EDUARDA DOS PASSOS GONÇALVES

GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: INVESTIGANDO O
COMPORTAMENTO DOS ESTUDANTES

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de licenciada em Educação Física e aprovado em sua forma final pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA:



Orientadora: Luciana Fiamoncini

CDS - UFSC

Examinador: Francisco Emílio de Medeiros

CDS - UFSC

Examinadora: Priscila Mari dos Santos Correia

CDS - UFSC

Suplente: MirafraNoal Manfredi

CDS - UFSC

AGRADECIMENTOS

Cada pessoa que passa em nossa vida nos deixa marcas. Durante minha caminhada na universidade, muitas foram as pessoas que conheci e que inscreveram suas marcas em mim. Muitos amigos, que tornaram a caminhada mais agradável, muitos professores que me inspiraram buscar sempre ser melhor, cada experiência que a universidade proporcionou. Durante esses anos o crescimento como pessoa e professora foi imensurável. Segue meus agradecimentos a algumas pessoas que contribuíram para a realização desse sonho.

Agradecimento especial aos meus pais Girlei e Maria Rosa, por todo apoio durante a graduação. Sempre me incentivando a estudar e a seguir o meu sonho, ensinando que sempre devemos fazer aquilo que gostamos, apesar das dificuldades. Sem vocês esse momento não seria possível.

Agradeço às minhas Amigas/Irmãs Natalia Dias, Luana Oliveira e Ageniana Espindola, que estiveram ao meu lado desde o início da graduação. Foram companheiras de várias histórias e momentos inesquecíveis. Obrigada por cada momento, cada trabalho em grupo (com boas, más ou “vagas lembranças”), cada café (que era o momento de rir e esquecer os problemas por alguns momentos), cada palavra amiga, conselho e puxão de orelha. Com vocês, esse caminho percorrido durante a graduação foi mais colorido e alegre.

Sou imensamente grata à Professora Luciana Fiamoncini, que com muito carinho, dedicação e atenção, me orientou durante esse processo. Gratidão por todos os encontros, todas as contribuições, reflexões e indicações de livros.

Agradeço à instituição escolar, em que realizei o estudo, que esteve sempre à disposição. Todas as crianças que aceitaram participar da pesquisa e que através de seus relatos sobre suas experiências nas aulas de Educação Física, contribuíram de forma significativa para as reflexões desse estudo.

Agradeço todos os professores da graduação, que contribuíram para minha formação, como pessoa e professora, através de conversas e

reflexões, indicações de leituras. Sem dúvidas, muitos de vocês serviram como inspiração.

Agradecimento aos meus alunos do projeto de extensão de vôlei e ginástica para a terceira idade, que estiveram comigo durante três anos da graduação, onde foi a primeira experiência como professora e que contribuiu significativamente para a minha formação profissional. Agradecimento especial à Marize e Tânia por terem possibilitado essa experiência como bolsista.

Agradeço aos meus amigos de curso Miria, Atanael e Bruno, pela parceria durante o estágio 1 e 2, por cada reflexão e palavra de apoio. Márcia e Rosane, amigas de turma, levo apenas lembranças boas de cada conversa e risada. Sem dúvidas, vocês tornaram a turma 2013-2 a melhor! Gratidão pela parceria, Maria Eduarda e Rafaela, que durante alguns anos foram minhas companheiras das longas “viagens” para Garopaba, momentos que renderam boas risadas, reflexões e um laço de amizade muito bacana.

RESUMO

A Educação Física, desde o seu início, sofreu influências de diversas correntes, entre elas higienista, militarista, esportivizada e crítica. Todas elas agregaram características a essa disciplina. Cada corrente foi se modificando e se adequando de acordo com o pensamento social de cada época. Por conta disso, práticas foram oferecidas de formas distintas para meninos e meninas nas aulas de Educação Física, pois por muito tempo, os papéis e comportamentos esperados para mulheres e homens foram e ainda são diferenciados em nossa sociedade. Com isso, o objetivo geral deste estudo foi de investigar as relações estereotipadas entre meninos e meninas evidenciadas durante a realização do Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar I, em uma escola pública de Florianópolis (SC). Metodologicamente, esta é uma pesquisa qualitativa, na qual participaram quatro crianças integrantes da turma em que foi realizado o Estágio Supervisionado. Estas responderam a uma entrevista semiestruturada, em que, buscou-se relacionar as falas das crianças com os fatos importantes observados e registrados. Notou-se que algumas crianças reproduziam nas aulas de Educação Física pensamentos presentes na sociedade, acreditando que meninos são mais habilidosos que as meninas. Mas, ao mesmo tempo, foi possível observar que uma das alunas transgrediu esse pensamento, mostrando uma vivência de igualdade entre eles e elas nas práticas corporais. Observou-se que os conteúdos influenciam de forma considerável nas relações estereotipadas entre as crianças nas aulas de Educação Física, e que é fundamental o papel do professor de planejar e proporcionar vivências igualitárias para os meninos e meninas. Como forma de propor essas mudanças, a coeducação aparece como possível ferramenta, através dos seus princípios ao propor reflexão e oportunidades diversas para meninas e meninos nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física - Gênero - Relações Estereotipadas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	15
2.1 Gênero e sexualidade: contextualizando e conceituando gênero	15
2.2 Implicações sociais do corpo: da sociedade às aulas de Educação Física	16
2.3 Estereótipos de gênero na Educação Física.....	21
3 SITUANDO E REFLETINDO SOBRE O CAMPO	24
3.1 Descrição do campo	24
3.2 Reflexões sobre o campo	25
3.2.1 Conteúdos e estereótipos	25
3.2.2 Relação entre os estudantes nas aulas de Educação Física.....	29
3.2.3 Apontando a coeducação	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICES.....	41
APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	41
APÊNDICE B: Roteiro de entrevista semiestruturada.....	43

1 INTRODUÇÃO

Historicamente a Educação Física escolar sofreu forte influência da área médica/higienista que tinha como objetivo a promoção da saúde, possuindo “[...] como meta a constituição de um físico saudável e equilibrado organicamente, menos suscetível às doenças” (BRASIL, 1997, p. 19). Nos séculos XIX e XX, já agrega característica disciplinadora com maior influência da área militar que buscavam formar indivíduos fortes e saudáveis para que pudessem defender a pátria. A Educação Física que se ensinava nesse período era baseada nos métodos ginásticos europeus, como o sueco, o alemão, e, posteriormente, o francês (BRASIL, 1997).

A partir do século XX começa a ser desenvolvida uma Educação Física mais ligada ao esporte, tornando-se o conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física daquele período. Na década de 1980 começou a se constituir um movimento renovador da Educação Física (BRACHT, 1999), tendo maior ligação com o campo educacional, tornando-se assim, uma Educação Física mais crítica, que concebia o aluno com um ser humano integral. Com a luta desse movimento, a Educação Física escolar, trabalhada e reconhecida legalmente como componente curricular da educação básica, só passou a ser uma disciplina obrigatória a partir de 2001, com a lei 10.328, de 12/12/2001. Ou seja, fazia parte do currículo, só que por lei não havia a obrigatoriedade.

A partir dessa maior preocupação com o campo educacional, foi criado um documento que veio agregar um conjunto de conhecimentos, que serviriam como base para os conteúdos abordados nas escolas. Portanto, em 1997 são criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que serviriam como referência para os ensinos fundamental e médio de todo o país. Neles estaria um conjunto de conhecimentos que são reconhecidos como necessários para exercer a cidadania, contendo orientações para cada disciplina escolar, indicando também, alguns temas transversais a serem trabalhados.

Os temas transversais devem ser incorporados nas disciplinas escolares e no trabalho educativo da escola. Nos mesmos tratavam das questões da ética, da pluralidade cultural, do meio ambiente, da saúde, da orientação

sexual, do trabalho e do consumo. Esses temas foram escolhidos por possibilitarem “[...] uma visão ampla e consistente da realidade brasileira e sua inserção no mundo, além de desenvolver um trabalho educativo que possibilite uma participação social dos alunos” (BRASIL, 1998, p. 26).

O tema Gênero, indiretamente, também está inserido nos temas transversais. Esse é um tema que a todo o momento nos deparamos nas aulas de Educação Física, e esse documento cita que:

No que tange à questão do gênero, as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias (BRASIL, 1997, p. 25).

A forma de organização das aulas de Educação Física também sofreu modificações. Inicialmente eram propostas aulas separadas por sexo, com práticas distintas para cada um, no qual as práticas exclusivas para os meninos objetivavam a formação de um homem forte, que predominassem movimentos que demonstrassem sua masculinidade, em que “[...] era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos” (SOUSA; ALTMANN, 1999, p. 57).

Segundo as mesmas autoras, às mulheres eram impossibilitadas de realizar práticas que envolvessem força e confronto corpo a corpo, pois se acreditava que seu corpo era frágil e essas práticas poderiam lhes causar danos corporais. Portanto, para elas eram oferecidas atividades com movimentos suaves e com a distância de outros corpos, garantidas pela ginástica rítmica e pelo voleibol. Quando ocorria o contrário, de homens praticarem uma atividade mais suave, esses eram considerados pela sociedade como efeminados; da mesma forma, se o futebol, por exemplo, fosse praticado por mulheres, poderia masculinizá-las, além da possibilidade de lhes causar lesões especialmente nos órgãos reprodutores.

Para contrapor às aulas separadas por sexo, a forma de ministrar as mesmas foi modificada. Assim, abordando uma perspectiva pedagógica, com objetivo de proporcionar aos meninos e meninas as mesmas possibilidades de

práticas corporais, sem distinção por sexo nas aulas de Educação Física, passaram a serem desenvolvidas aulas mistas.

Na década de 1990, vivemos mudanças significativas no Brasil no que se refere à organização das turmas nas aulas de Educação Física. A separação de meninos e meninas passou a ser cada vez menos frequente, tornando-se praticamente inexistente nas redes públicas de ensino, nas quais um/a mesmo/a professor/a é responsável por ministrar aulas de Educação Física para toda a turma. A possibilidade de separá-los posteriormente, quando em quadra, para a realização de alguma atividade (ou todas) não deixou de existir, mas se tornou prerrogativa docente e não mais uma determinação legal (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011, p. 495).

Com a utilização dessa nova organização de aula, surgiram outros problemas, visto que, alguns professores não estão preparados para lidar com essas diferenças, pois, “[...] não é tarefa simples para os docentes desenvolverem aulas mistas de forma harmônica, quando os alunos (as) estão acostumados com aulas separadas” (JESUS; DEVIDE; 2006, p. 128).

Anteriormente os professores tinham um grupo mais homogêneo para desenvolver as aulas e agora se deparavam com turmas heterogêneas, com uma maior pluralidade de corpos¹, cada qual com seus gostos, culturas, etnias, classes sociais, entre outros aspectos. Se antes os docentes ministravam aulas para meninos e meninas com objetivos diferentes, que reforçavam estereótipos² de gênero, agora teriam que desconstruir esses movimentos estereotipados e construir uma nova estrutura de aula inclusiva e que estimule a participação de meninos e meninas de forma colaborativa.

A pluralidade de corpos foi evidenciada nas aulas de Educação Física, onde, de um lado as meninas tinham mais “habilidade” em atividades que fosse utilizado a flexibilidade e o equilíbrio, enquanto de outro os meninos tinham

¹ Aqui o corpo é entendido como produto das relações com outros seres/corpos na sociedade, sendo resultado de uma construção cultural. Não é, portanto, um corpo apenas biológico. Ver mais em Goellner (2010; 2008), “A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento das diferenças” e “A produção cultural do corpo”.

² Os estereótipos são generalizações que existem sobre o comportamento e características das pessoas. Pode estar relacionado à roupa, comportamento, aparência, etc. Socialmente, alguns comportamentos foram construídos como forma de categorizar comportamentos que são considerados mais adequados aos homens e as mulheres na Educação Física. Ver mais em Saraiva (1999) “Co-educação Física e esportes: quando a diferença é mito”.

mais desenvoltura em atividades que envolviam força e agilidade. Quando se colocava meninos e meninas para praticarem as mesmas atividades geravam conflitos e tensões, oriundos desse “choque” de experiências, que não era intrínseco/comum de um ou outro sexo. Mas, construído durante toda a história da Educação Física e da sociedade, em que “[...] oportunidades de conhecimento que vêm sendo historicamente oferecidas para meninas e meninos são diferenciadas e, não raro, marcadas por concepções restritas e estereotipadas” (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011, p. 497).

Esse “choque” de experiências, característico das aulas mistas, foi vivenciado/observado durante o período em que fiz o estágio obrigatório em Educação Física em uma escola pública de Florianópolis (SC). Frequentemente, era possível observar os “problemas” oriundos desse tipo de estrutura de aula, como quando era proposta uma aula em que eles tinham a liberdade de escolher a atividade que quisessem fazer, optavam por realizar separados. A maior parte dos meninos ficava jogando futebol e a maior parte das meninas jogando vôlei. Com isso, já é possível observar que a atividade que exige maior movimentação, contato físico e intensidade era a preferida dos meninos, enquanto a atividade que exigia menos contato e movimentos suaves era a escolhida por meninas.

Durante minha caminhada como estudante vivi algumas situações relacionadas ao gênero. Por ser uma criança muito ativa, sempre brinquei muito com os meninos na rua, sendo assim, sempre praticava brincadeiras que são consideradas culturalmente/socialmente como “brincadeiras de meninos”. Eram brincadeiras sempre mais intensas, dinâmicas e um pouco mais perigosas. Com isso, fui uma criança “arteira” (ativa) e corajosa que se aventurava bastante. Acredito que por esses motivos sempre fui aceita no “grupo de meninos”.

Quando comecei a estudar continuei brincando na maioria das vezes com meninos, mas com isso, pela primeira vez senti um “desgosto”, foi quando comecei a ser chamada por colegas (meninas) de “menininho” entre outras palavras depreciativas, e isso me chocou, pois até então eu nunca tinha percebido que existia “brincadeira de menino” e “brincadeira de menina” e que eu não me encaixava naquele padrão de meninas, pois eu não era delicada. Eu não entendia muito bem o porquê e o que aquilo significava, mas com o passar

do tempo, fui entendendo que na nossa sociedade existe “papéis” femininos e masculinos, e que quem não se encaixa naquele padrão é tido como desviante, e que, portanto, eu era um desvio do comportamento considerado como ideal para as mulheres/meninas. Recordo-me de a professora de Educação Física intervir nessas situações, sempre proporcionando uma conversa e buscando entender o motivo das colegas terem falado ou agido de uma maneira desconfortável.

Na graduação, com todas as disciplinas ofertadas, nenhuma delas abordou o tema gênero nas aulas de Educação Física. Isso se mostra uma fragilidade em nossa formação, pois, atualmente, este é um tema que muito tem emergido na escola e na sociedade. E, como futuros professores, precisamos ter discussões e reflexões sobre esse tema durante a graduação, para que estejamos preparados para lidar com possíveis situações que surgirem em nossas aulas. E, então, buscar problematizar e trabalhar com reflexões para a desconstrução dos estereótipos. Esse despreparo se mostra evidente quando nos deparamos com cenas relacionadas a gênero nas aulas de Educação Física, e na maioria das vezes, não sabemos como proceder.

Durante a minha caminhada pela escola, tanto no estágio quanto no período em que estudava, pude perceber que diversos fatores podem contribuir para que essas relações estereotipadas entre meninos e meninas aconteçam. Por exemplo, desde as atitudes dos pais em relação à proibição/incentivo de alguma prática corporal de seu/sua filho/filha, às experiências corporais diversificadas, ou não, proporcionadas por professores, à exclusão de determinadas práticas por parte dos colegas, à influência que a mídia exerce sobre o pensamento dos jovens. Percebe-se, portanto, que existe um conjunto de questões que podem influenciar os estudantes a terem esses comportamentos nas aulas de Educação Física e contribuir com que essas barreiras continuem acontecendo.

Diante do exposto, o objetivo geral dessa pesquisa foi: Investigar as relações estereotipadas entre meninos e meninas evidenciadas durante o estágio supervisionado em Educação Física em uma escola pública de Florianópolis (SC).

Desse objetivo principal, elegeram-se as seguintes questões investigativas:

- Determinados conteúdos trabalhados nas aulas de Educação Física podem reforçar estereótipos?
- Qual a percepção dos alunos sobre as aulas de Educação Física na relação entre meninos e meninas?
- Quais alternativas pedagógicas podem ser abordadas para problematizar e desconstruir estereótipos?

Após ter traçado esses objetivos e questões investigativas, adotou-se como forma de buscar responder às questões elencadas, o caráter qualitativo de investigação, pois, este se preocupa com o aprofundamento da compreensão de um grupo social. Portanto, irá possibilitar uma maior percepção dos fatores que influenciam as crianças a reproduzirem atitudes relacionadas às questões de gênero nas aulas de Educação Física. Para a coleta de dados, optou-se por utilizar a entrevista semiestruturada. Segundo Triviños (1987, p. 145), esse tipo de entrevista caracteriza-se por iniciar-se de determinados questionamentos básicos que interessam à pesquisa, que de acordo com as respostas do entrevistado, surgem novos questionamentos que são frutos de hipóteses criadas. Ou seja, o entrevistador parte de um questionamento inicial, mas que pode ir se alterando, criando novos questionamentos, a partir de novas interrogativas que vão surgindo na fala do entrevistado, com isso o entrevistador tem liberdade de aprofundar e entender melhor a resposta que foi dada.

Nesse estudo, foram realizadas entrevistas com quatro crianças com idades entre 11 e 12 anos, de ambos os sexos, estudantes do quinto ano de uma escola estadual de Florianópolis (SC). A escolha por realizar a pesquisa nessa instituição escolar, se deu pelo fato de ser a turma em que realizei o Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar I e por ter observado diversas cenas relacionadas às questões de gênero, durante o período em que estive inserida na escola.

A realização da pesquisa com quatro crianças, deu-se pela dificuldade de conseguir que os pais ou responsáveis assinassem o termo de consentimento, que autoriza a realização das entrevistas com as crianças. A princípio, a intenção era entrevistar mais crianças da turma em que foi desenvolvido o estágio, porém essa dificuldade não trouxe prejuízos para a

pesquisa. Foram distribuídos para todas as crianças da turma, cerca de trinta alunos, os termos de consentimento livre e esclarecido, para que eles levassem para casa e pedissem a assinatura dos pais. No momento da distribuição foi feita uma breve explicação sobre o tema da pesquisa, o porquê do convite para a turma deles, a importância da atuação e como se daria a sua participação.

Aqueles que trouxeram os termos assinados participaram da entrevista semiestruturada. Importante ressaltar que todos esses procedimentos aconteceram nas dependências do colégio, desde a distribuição dos termos até as entrevistas.

Para uma maior privacidade do aluno, a entrevista foi feita individualmente, em um local tranquilo, sem interferência externa, para que eles se sentissem confortáveis e à vontade para responder às perguntas com tranquilidade. Foi utilizado um gravador, para captar a fala e assim não perder nenhum momento importante da entrevista.

Além das entrevistas, essa pesquisa também se baseou em dados coletados durante o processo de desenvolvimento do estágio que estão contidos no relatório final da disciplina de estágio. O relatório contém a descrição de cenas relevantes, vividas durante a observação das aulas da professora de Educação Física da escola e das intervenções feitas por minha dupla de estágio e eu.

Destaco que as perguntas contidas nas entrevistas foram elaboradas com base nas observações das aulas e intervenções, sendo agrupadas por temas significativos de acordo com o objetivo e as questões investigativas dessa pesquisa, que serão discutidos no capítulo de apresentação e reflexões sobre o campo.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 Gênero e sexualidade: contextualizando e conceituando gênero

O conceito de gênero é contemporâneo, o sentido que foi atribuído a esta palavra está diretamente ligado à história do movimento feminista. Louro (2013) relata que este movimento é caracterizado por um movimento social organizado, que buscou uma série de reivindicações contra o sistema social da época (Século XIX), tais como, o direito das mulheres ao voto, oportunidades de estudo e acesso a determinadas profissões. Além disso, houve também a preocupação com estudos e construções teóricas sobre o tema, problematizando essas questões e trazendo à tona o conceito de gênero.

Esse movimento veio para questionar e refletir sobre os papéis de homens e mulheres na sociedade, quebrar o argumento que era (e ainda é) utilizado, de que homens e mulheres têm determinados papéis na sociedade definidos pelas diferenças biológicas entre eles.

É importante perceber que a partir desse movimento os termos sexo e gênero passam a ter significados distintos, que para Goellner: (2010, p. 75).

Por gênero entende-se a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos ou femininos. É diferente de sexo, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. O gênero, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. Em outras palavras, o corpo é generificado, o que implica dizer que as marcas de gênero se inscrevem nele.

Portanto, a palavra sexo se remete apenas às diferenças anatômicas dos homens e das mulheres, que é determinado biologicamente. Gênero passa a ser entendido como características femininas ou masculinas que são construídas socialmente durante toda a vida. Portanto, uma pessoa pode ser

do sexo feminino e ter características e/ou comportamentos identificados socialmente como pertencente ao gênero masculino, e vice e versa.

Gênero deve ser entendido como constituinte da identidade dos sujeitos (LOURO, 2013). Os sujeitos possuem identidades múltiplas e que se transformam a todo o momento, portanto, o sujeito pode pertencer a diferentes grupos – étnico, sexuais, de classes, de gênero, etc.

As pessoas exercem sua sexualidade de diferentes formas, que vai variar de acordo com a sua escolha, que poderá ser com parceiros do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou nenhum. Portanto, “[...]sujeitos masculinos e femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.)” (LOURO, 2013, p. 31).

Nesse sentido, é imprescindível que se desconstrua esse antagonismo feminino/masculino, heterossexual/homossexual, pois não existe um único tipo de masculinidade e feminilidade, dentro de cada grupo existe uma pluralidade de sujeitos, pois o ser humano é “singular”, cada um com suas características únicas e que o tornam tão especial. Portanto, o diferente tem que ser algo normal, e não um motivo que gere preconceito.

2.2 Implicações sociais do corpo: da sociedade às aulas de Educação Física

Atualmente, a todo o momento, estamos expostos a diversas influências culturais, que nos ditam padrões, que dizem qual o papel do homem e da mulher na sociedade, como devem agir, o que podem ou não fazer, dizer, vestir, entre outros aspectos. Mesmo que “invisível” existe essa padronização sobre como deve ser o comportamento de cada sexo. Desde que nascemos somos inseridos nessa cultura, então, desde cedo somos “moldados” para que possamos nos encaixar nos padrões da sociedade. Com isso, nosso corpo é “produzido” de acordo com a cultura da sociedade em que vivemos, portanto:

O corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc., não é, portanto, algo dado a priori nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções

consoante ao desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura (GOELLNER, 2008, p. 28).

Durante a história da humanidade a “ideia” de corpo foi se alterando, de acordo com a característica de cada época. Goellner (1999) revela que em um determinado período da história da Educação Física, as imagens e textos que circulavam exibiam um padrão de beleza que tinha característica de representação, harmonia e proporção das formas corporais, retratando o que era considerado um corpo perfeito. Atualmente o padrão de beleza do corpo feminino é um pouco diferente de antigamente, hoje é colocado que a mulher deve ter corpo magro, corpo alongado, cabelos lisos, etc.

Os papéis de homem e mulher na sociedade também se modificaram ao longo do tempo. Durante um período foi entendido como o papel da mulher, ser boa mãe, que se dedica a cuidar da casa, dos filhos e do marido. Calma, compreensível, bela, delicada e vaidosa eram qualidades ideais que toda mulher deveria ter. Já o homem tinha de ser o provedor da casa, que trabalhasse para sustentar a esposa e os filhos, podendo praticar esporte para o lazer, sendo um sujeito forte, viril, determinado e rígido. Para Goellner (1999, p. 41):

Masculino e feminino constelam hábitos, atitudes e formas de ser pouco maleáveis e que poucas interseções permitem entre si. Geralmente polarizadas por um olhar dicotômico, masculinidade e feminilidade, além de opostas são vistas como divergentes, pois para cada lado dessa construção, são conferidos atributos e qualidades que exprimem mais diferenças do que similitudes e complementaridade: homem/mulher, masculino/feminino, vício/virtude, potência/fragilidade, virilidade/fecundidade, produção/reprodução, público/privado, cultura/natureza.

No campo da Educação Física, oportunidades também foram diferentes para homens e mulheres. Elas foram inseridas no esporte de forma tardia, Segundo Faria Junior (1995), somente em 1882. Sob o parecer de Rui Barbosa, foi criado um projeto sobre a reforma do ensino, em que propôs a Educação Física para ambos os sexos, anteriormente apenas os homens tinham o direito de realizá-la na escola. Esse parecer representou um avanço para as mulheres, mas segundo o autor, apresentava conotações sexistas, pois

as aulas para as alunas teriam que buscar harmonia das formas femininas e atender as exigências da maternidade.

A Educação Física para meninos e meninas era separada por sexo, onde um professor ministrava aula para os meninos e uma professora para as meninas. Essa estrutura de aula foi escolhida, pois assim cada professor poderia construir sua aula de forma que atendesse melhor as características de cada sexo, ou seja, para os meninos seriam propostas aulas com esportes, que exigissem agilidade, força, rapidez, características que se acreditava natural do sexo masculino. Para as meninas as aulas teriam atividades como ginástica e voleibol, que possuíam gestos suaves e um distanciamento entre as alunas, pois se acreditava que atividades mais dinâmicas e com contato físico poderia “ferir” a feminilidade da mulher e lhes causar algum dano em órgãos reprodutores.

Mesmo com essas proibições, as mulheres resistiram a essas normas e começaram a praticar esportes que eram considerados como mais apropriados para o sexo masculino. Com esse movimento elas se organizaram, criaram times e participaram de amistosos contra outros times femininos, assim, foi crescendo a participação das mulheres no esporte e elas foram ganhando seu espaço. Para Goellner (2005, p. 144):

Uma das razões para tal conquista foi a participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos que, apesar de não ter se consolidado de forma tranquila, muito menos fácil, possibilitou certa visibilidade à imagem da mulher atleta. As mulheres foram autorizadas a fazer parte deste evento, apenas na sua segunda edição, mesmo sob protesto de alguns de seus idealizadores, cujas intervenções no âmbito da organização das competições, direcionavam-se para que elas apenas assistissem aos jogos e não deles participassem.

Essa interdição quanto à participação das mulheres no esporte tinha forte ligação com o que se acreditava ser o papel da mulher na sociedade. Algumas características do esporte, tais como, o suor, o esforço físico e a rivalidade, não eram consideradas particularidades da mulher. Elas, portanto, tiveram que transgredir alguns paradigmas da época, deixando de ser apenas expectadoras e se colocando como praticantes, ocupando cada vez mais os campos, ginásios, praças e demais locais que possibilitavam a prática de

esportes, desestruturando um espaço que era reconhecido como de domínio masculino. Goellner (2005) aponta que havia dois medos em relação à participação das mulheres em atividades físicas: primeiro seria a que essa prática poderia desonrá-las (tornando-as masculinas e indo contra o que se acreditava ser o papel da mulher na sociedade); segundo, que elas obtivessem sucesso, e com isso, desestabilizassem o que era considerado como verdade. Desse modo, mostrar que as mulheres também são fortes, e que a suposta preponderância dos homens em relação às mulheres não tem razão de ser, derrubando assim a justificativa apoiada na biologia do corpo, em que eles teriam uma habilidade “natural” sobre elas, em relação aos esportes.

Com o aumento na procura de atividades físicas pelas mulheres, criou-se uma tensão, pois ao mesmo tempo em que elas lutavam para buscar o seu espaço como jogadoras e para o desenvolvimento nas modalidades esportivas, muitas vezes, encontravam resistência pela forte influência cultural que existia. Segundo Faria Junior (1995) e Goellner (2005), em 1965, foi aprovada pelo Conselho Nacional de Desportos, a deliberação número 7, que tornava oficial a proibição das mulheres na prática de determinadas modalidades esportivas, tais quais, futebol, futebol de salão, futebol de praia, rugby, polo, polo aquático, baseball, halterofilismo e lutas de quaisquer naturezas. Essa interdição durou por volta de 20 anos, quando na gestão de Manoel José Gomes Tubino, com uma recomendação ao Conselho Nacional de Desportos, foi reconhecida a necessidade de estimular as mulheres a participar de diversas modalidades esportivas (FARIA JUNIOR, 1995).

Nesses anos de interdição, a principal justificativa contra a participação das mulheres no esporte foi a dos possíveis danos que poderia ser causado, as tensões das competições e o desgaste físico que deveriam ser evitados, pois poderiam causar lesões em seus órgãos reprodutores. Em determinados esportes, era necessária a realização de alguns movimentos bruscos, e essas características eram incompatíveis com as características femininas, que promoveriam assim, traços masculinos, podendo deixá-las competitivas e agressivas (FARIA JUNIOR, 1995).

Pode-se perceber que o percurso das mulheres no esporte não foi uma trajetória fácil, elas sofreram interdições, mas com resistência, transgrediram ideias da época. Mesmo que muita coisa tenha mudado e muito tempo tenha

passado, é possível ainda visualizar resquícios dessas crenças/ideais nos dias de hoje.

Desde crianças somos inseridos nessa cultura, com isso, aprendemos a pensar e agir de acordo com ela. Nosso primeiro grupo de convívio é o grupo familiar, e com ele já aprendemos determinados princípios e somos influenciados por ele. É nessa fase que começa a construção da nossa personalidade, portanto, é um momento de extrema importância para a formação de caráter. Nesse período, as crianças já são apresentadas as situações relacionadas ao gênero, por exemplo, quando são vestidas com roupas de determinadas cores de acordo com o seu sexo, sendo predominantemente, rosa para meninas e azul para meninos. Ou ainda, quando ganham brinquedos diferenciados conforme seu sexo, pois:

Os meninos são presenteados, por exemplo, com bola e pipa, e as meninas com boneca, panelinhas, vassourinhas e rodos em miniatura. Estes brinquedos infantis induzem uma maior atividade corporal para aqueles, enquanto que para estas sobram as atividades que supõem um treinamento, uma preparação para a futura dona de casa com atuação no espaço privado (PEREIRA, 2004, p. 28).

Os corpos femininos e masculinos não têm sido percebidos e valorizados da mesma forma, existindo uma tendência a hierarquizá-los (FELIPE, 2008). Mesmo que de forma involuntária, as crianças já são ensinadas a pensar que existem brincadeiras de meninos e de meninas, que elas são diferentes e que cada uma tem sua característica. Sendo que, as atividades mais tranquilas e relacionadas à casa, a das meninas, e aquelas que são mais dinâmicas, que envolvam força, agilidade, movimentos bruscos, seriam as brincadeiras dos meninos. Portanto, já se restringem as possibilidades de brincadeiras das crianças, e fazendo com que elas internalizem que aquilo é o certo, acabando por limitar suas possibilidades corporais. Com isso, reforçando que as meninas tenham características como delicadeza, sensibilidade, gentileza, que gostem que cozinhar, ficar em casa e sonhem em ter filhos, e, para os meninos é esperado que sejam fortes, não demonstrem sentimentos, que sejam másculos, e que sejam o provedor da casa.

Em diversos momentos:

Os corpos foram – e são – objeto da mais meticulosa atenção, não apenas das escolas, mas de várias instâncias sociais. Eles são alvo central de muitas pedagogias culturais que, além das instituições escolares e por vezes de forma mais sedutora e eficiente do que as essas, veiculam saberes, transmitem valores e, efetivamente, acabam por “produzir” os sujeitos sociais (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2008, p. 7).

Hoje em dia estamos a todo o momento recebendo estímulos, que incorporam marcas em nossa personalidade. Nossas interações sociais, os meios de comunicação, refletem e reproduzem os estereótipos de gênero da sociedade. Portanto, em diferentes momentos do nosso dia a dia, iremos nos deparar com essas situações, principalmente na área da Educação física, que é um campo com fortes traços estereotipados.

2.3 Estereótipos de gênero na Educação Física

As aulas de Educação Física são os momentos em que os alunos têm maior liberdade de se movimentar e experimentar todas as suas possibilidades corporais. Nesses momentos eles se deparam com outras culturas, relacionam-se com as diferentes etnias, classes sociais, idades e religiões. É onde cada pessoa, de acordo com suas vivências anteriores, movimenta-se de uma forma. Portanto, nesses momentos, é possível observar a manifestação corporal, as diferentes formas de ser e agir de cada aluno. Sendo assim, cada aluno tem uma forma exclusiva de se comportar corporalmente.

Mas, ao mesmo tempo em que cada aluno tem essa liberdade de se movimentar, existe alguns fatores que contribuem para que exista uma “padronização” dos movimentos corporais femininos e masculinos. Um dos principais são os conteúdos tradicionais da Educação Física. Pois, ao serem oferecidos apenas alguns conteúdos para os meninos e outros para as meninas, acaba causando um prejuízo para ambos, pois, estes deixam de vivenciar movimentos importantes para o seu repertório motor, e isso acaba gerando movimentos estereotipados.

Soares et al. (1998) afirmam que esses movimentos estereotipados são gerados pelas práticas desenvolvidas as aulas de Educação Física e são um fator que provoca limitação no repertório de vivências do movimento, pois estes dizem o que é condizente ou não, para cada sexo. Saraiva (2002) afirma que a Educação Física cumpriu o seu papel de socializadora de corpos, no momento em que contribuiu para a masculinização do esporte e a feminilização das atividades rítmico-expressivas. Muitas vezes essa disciplina

Se manifesta 'podando' possibilidades de processos educativos como os que poderiam levar as pessoas a se entenderem melhor, a resolverem problemas em conjunto, a serem solidárias em situações onde, em função do estereótipo, nem todos participariam e a proporcionar a todos e a todas vivências de acordo com a sua 'identidade' desenvolvida, esta nem sempre de acordo com os padrões heterossexuais colocados culturalmente (SARAIVA, 2002, p. 79).

Durante muito tempo, o corpo foi compreendido como puramente biológico, predominando uma visão utilitária do corpo. Francischi, Saraiva e Kleinubing (2012) explicam que as representações de como os sujeitos devem se constituir como homens e mulheres estão relacionadas com a diferenciação entre os papéis que foram (e são) delimitados para ambos na sociedade, que originam uma padronização de comportamentos, denominado de estereótipos sexuais e de gênero, os quais geralmente provocam preconceitos.

As autoras ainda relatam que as relações estereotipadas estão presentes no contexto escolar, permeando a prática pedagógica e provocando discriminação entre os alunos. Pois, características como, sensibilidade e delicadeza são vistas como pertencentes ao sexo feminino, bem como seriedade e força pertencente ao sexo masculino. Isso se reflete nos conteúdos que são ministrados para meninos e para meninas, nos quais as lutas são compreendidas como predominantemente masculinas, dificultando a participação das meninas, e a dança é entendida como uma prática feminina, tornando restrita a participação dos meninos e sendo permeada por preconceito e discriminação (FRANCISCHI; SARAIVA; KLEINUBING, 2012).

Muitas dessas relações entre os meninos e as meninas nas aulas de Educação Física mencionadas pelas autoras foram presenciadas quando realizei a disciplina de estágio supervisionado. Assim, no tópico a seguir,

abordarei essas relações na turma na qual realizei o estágio. As reflexões serão apoiadas nas cenas vividas e descritas no relatório final do estágio e nas entrevistas realizadas com as crianças.

3 SITUANDO E REFLETINDO SOBRE O CAMPO

3.1 Descrição do campo

O estágio supervisionado em Educação Física Escolar I é uma disciplina obrigatória do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, que consiste na inserção do graduando em uma unidade escolar para que seja vivenciada a experiência de ser professor. Portanto, durante um semestre o graduando se aproxima do cotidiano escolar. São constituídas duplas que passam um período de aproximadamente quatro meses na instituição realizando atividades de observações da cultura escolar, observação da turma escolhida, planejamento do projeto de intervenção, realização das intervenções, que ao final do semestre, com essas informações, produz o relatório final de estágio.

O estágio, o qual gerou essa pesquisa, ocorreu em uma instituição estadual pública de Florianópolis (SC). A escola possui turmas dos anos iniciais e anos finais do ensino fundamental, ensino médio e ensino médio inovador. Todos os semestres, há aproximadamente sete anos, essa instituição recebe o estágio supervisionado em Educação Física escolar I, portanto, é uma parceria de longo prazo e tem sido importante para a escola e para os acadêmicos da UFSC.

A turma escolhida para realizar as intervenções foi o quinto ano, que era composto por uma média de 35 crianças com idades que variam de 10 a 14 anos. Essa turma era bastante heterogênea, possuindo crianças que eram repetentes e outras que faziam o quinto ano pela primeira vez. Com isso, algumas crianças gostavam mais de realizar as aulas de Educação Física, outras, não participavam tanto (principalmente as meninas mais velhas). Era uma turma tranquila, todos se davam bem e, de maneira geral, eram participativos nas aulas de Educação Física.

3.2 Reflexões sobre o campo

Neste tópico, irei refletir sobre as declarações feitas por quatro crianças com idades entre 11 e 12 anos, sendo duas meninas e dois meninos, todos estudavam na mesma turma. Como forma de preservar a identidade das crianças entrevistadas foram utilizados nomes fictícios ao mencionar cada uma delas. Vale ressaltar que a elaboração das perguntas realizadas na entrevista semiestruturada tiveram como base a observação das aulas da professora de Educação Física da instituição, bem como, as aulas ministradas por minha dupla de estágio e eu. Para contribuir com as reflexões, será tomado como base também as observações realizadas e registradas no relatório final produzido no estágio supervisionado. O mesmo contém cenas relevantes que agregarão nas discussões a seguir.

A partir das perguntas contidas nas entrevistas e das observações registradas no relatório de estágio foram elencados temas significativos, tendo por base os objetivos desta pesquisa. Assim, os temas significativos elegidos serão citados e discutidos a seguir.

3.2.1 Conteúdos e estereótipos

A primeira pergunta feita foi se eles realizavam alguma prática corporal fora da escola, com o objetivo de saber quais eram mais agradáveis para eles. Todos os participantes eram ativos fora da instituição, sendo que um menino e uma menina relataram praticar apenas futebol, outra aluna fazia caminhadas e o outro aluno respondeu que não estava realizando nenhuma prática corporal no momento, mas que já tinha praticado taekwondo, capoeira, jiu jitsu e futebol. Pode-se perceber que nas respostas apareceram diferentes conteúdos da Educação Física. Mas, entre esses conteúdos, o futebol esteve presente na maior parte das respostas, e, portanto, parece ser um conteúdo prazeroso para essas crianças.

Outra questão abordada estava relacionada à influência dos pais no incentivo às práticas corporais. Todas as crianças relataram que seus pais sempre os incentivaram a ser ativos, que nunca foram proibidos de vivenciar alguma experiência motora.

Esse fato é de extrema importância, pois os pais e familiares são os primeiros grupos sociais que a criança convive. Nesse sentido, as crenças desse grupo serão passadas para estes desde o seu nascimento. Se os pais possuem um discurso discriminante e sexista, acreditando que futebol é coisa de menino e ginástica coisa de menina, a criança provavelmente irá se aproximar dos conteúdos da Educação Física que se adequa a essas características. Romero (2000) compactua com essa afirmação, quando diz que:

Meninos e meninas têm suas vidas delineadas a partir das expectativas de seus pais, expectativas essas que variam de um sexo para outro. Assim, uma criança cresce, comportando-se de acordo com os padrões culturais e históricos dentro dos quais é educada (ROMERO, 2000, p. 1).

Portanto, é relevante que os pais incentivem o máximo de experiências motoras para as crianças, sem discriminar nenhuma. Assim, as mesmas desenvolverão um variado repertório motor e buscarão realizar as atividades que forem prazerosas, e, possivelmente, não apresentarão preconceitos e atitudes estereotipadas em relação às práticas corporais nas aulas de Educação Física.

Há de se considerar que, quando os alunos chegam a escola não chegam vazios:

Os estudantes são seres com uma bagagem prévia de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos fora da escola. A televisão, os quadrinhos, a fala e as atitudes cotidianas dos adultos e dos grupos de amigos estão cheios de estereótipos de gênero, de crenças sobre o que é ser homem ou mulher em nossa cultura (SOUSA; ALTMANN; 1999, p. 64).

Durante o período em que estive inserida no colégio, observando e ministrando aulas, em diversos momentos presenciei situações referentes às relações de gênero. Muitas vezes essas cenas estavam ligadas ao conteúdo que era ministrado pela professora. Quando ela não tinha um conteúdo específico para desenvolver na aula, deixava os/as alunos/as escolherem a prática que fosse mais prazerosa, e essa “aula livre” geralmente acontecia

quando as aulas ocorriam no parque. O espaço para realizar as aulas de Educação Física era bem reduzido, pois a quadra externa estava em reforma, portanto, muitas vezes os professores tinham que dividir o ginásio e/ou o parque. Vale ressaltar que o planejamento da aula é papel do professor, proposta essa que deve ter objetivo e ser adequada de acordo com as características da turma.

O dia que presenciei essa “aula livre” a turma ficou dividida em basicamente três grupos. Conforme mostra a observação (registrada no relatório de estágio), a seguir:

Ao chegar lá percebemos que a aula foi um pouco “livre”, que a professora deixou os alunos fazerem o que eles quisessem, deixou que pegassem os materiais que iriam utilizar. Uma parte da turma estava jogando futebol (apenas meninos), outro grupo de alunos, inclusive a professora, estava em roda dando toques com a bola [...] Algumas meninas ficaram sentadas no balanço, apenas observando. (Terceira observação - aula de Educação Física no parque)

Durante o decorrer das observações feitas das aulas de Educação Física, pode-se perceber que quando a aula era livre, o que geralmente acontecia era a divisão entre os meninos e meninas, que realizavam a aula separados. Sobre essa divisão em grupos nas aulas de Educação Física, Silva (2003) relata que:

O que comumente acontece nas aulas mistas [...] é que se formam dois grupos, um de meninas que jogam vôlei (esporte mais suave) e outro de meninos que jogam futebol (esporte agressivo). Assim, uma aula ‘mista’ acaba tratando meninos e meninas de maneira diferenciada e impedindo que todos os alunos vivenciem as mais variadas atividades (SILVA, 2003, p. 26).

Nesse sentido, as aulas mistas, mesmo com o intuito de promover interação entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física, acabam reproduzindo estereótipos de gênero e reforçando diferenças, no momento em que resultam nessa divisão, em que eles e elas praticam atividades diferentes. Por mais que sua finalidade seja outra, a forma como os professores estão desenvolvendo essas aulas, ainda carregam características das aulas

separadas. Pois meninos e meninas estão na mesma turma, porém, continuam sendo oferecidas vivências de forma separada e diferenciada para cada sexo.

Por ter observado essa organização de aula, em que meninos e meninas, na maioria das vezes, participavam de atividades distintas nas aulas de Educação Física, tive a curiosidade de saber se era sempre assim ou se naquele bimestre o planejamento da professora era aquele. Com isso, uma das perguntas feitas durante a entrevista foi relacionada a essa questão. Quando perguntados sobre quais conteúdos da Educação Física eram vivenciados nas aulas, os alunos responderam que a professora ministrava vôlei, futebol, queimada e atividade livre. Com esses relatos, pode-se perceber que eles não vivenciavam uma gama muito grande de experiências, as práticas que lhes eram oferecidas eram apenas as “tradicionais”.

Um dos principais elementos para formar um aluno de forma integral é a escolha dos conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas (FERRAZ; DEVIDE, 2013). A Educação Física possui diversos conteúdos, portanto, é papel do professor proporcionar às crianças experiências as mais diversificadas possíveis. Pois, quando o professor só ministra aulas sobre determinados conteúdos, acaba privando seus alunos de determinados conhecimentos e vivências que são importantes para o seu desenvolvimento corporal, cognitivo, social e cultural. Portanto, o professor influencia na construção corporal dos seus alunos. Silva (2003) ressalta que o professor deve proporcionar as mesmas oportunidades de experiências corporais para meninos e meninas, fazendo com que ambos ampliem suas potencialidades e percebam que não existe superioridade ou inferioridade entre eles.

A grande divisão observada durante as aulas, descrita anteriormente no fragmento citado do relatório de estágio, me chamou atenção. Com isso, questionei a professora sobre o porquê dessa constante separação e por que as meninas quase não jogavam futebol, ela respondeu que era bem difícil elas jogarem. Com esse comentário da professora, questionei os alunos sobre qual prática eles mais gostavam de fazer nas aulas, todos os alunos responderam que gostavam de jogar futebol nas aulas de Educação Física. Portanto, pode-se perceber que talvez não existisse falta de interesse, por parte das meninas, em praticar esta modalidade, mas talvez a pouca adesão seja pelo fato da

grande influência cultural e social que existe dentro da escola, pois esse ambiente:

Com frequência, transmite e perpetua valores sexistas da sociedade que podem ser observados nos currículos, nos livros, na linguagem utilizada nas aulas, no material didático e na expectativa dos (as) professores (as) com relação aos comportamentos dos (as) alunos (as) (PEREIRA, 2004, p. 13).

A sociedade identifica algumas modalidades esportivas como mais indicadas para menino ou menina, e futebol é considerado como uma modalidade masculina, essa “inadequação” pode limitar a participação de meninos e meninas em atividades que gostariam de participar, conforme afirma Goellner (2010).

Esse sentimento de inadequação pode gerar desconforto em praticar determinados conteúdos da Educação Física e isso traz prejuízos para os estudantes, pois a criança deixa de experimentar práticas que gostaria. Relações positivas entre os estudantes pode ser uma forma de desmistificar essa inadequação. No tópico a seguir, serão abordadas as relações entre os estudantes nas aulas de Educação Física, e também serão apresentadas reflexões sobre essa temática.

3.2.2 Relação entre os estudantes nas aulas de Educação Física

Outra questão abordada na entrevista foi relacionada à exclusão nas aulas de Educação Física. Quando os questioneei sobre se em algum momento eles já vivenciaram essa situação, a maior parte dos alunos respondeu que já foram excluídos em algum momento na aula de Educação Física. Apenas um aluno relatou que isso nunca lhe aconteceu.

O aluno Yuri e a aluna Caroline relataram que foram excluídos pelos colegas em uma partida de futebol. A aluna Caroline descreve que isso aconteceu pelo seguinte motivo: “[...] *eu sei jogar pouco futebol, daí ficam falando que eu não sei jogar*”, logo em seguida questioneei sobre quem falava isso, ela respondeu que eram os meninos. Nessa situação, pode-se observar que os meninos reproduzem o discurso da sociedade, acreditando que falta

habilidade nelas e que elas atrapalham o desempenho deles no jogo. Goellner (2010) ressalta que é necessário pensar que essa diferença de habilidade entre meninos e meninas são resultados de vivências distintas desde o nascimento. Como, por exemplo: quando é aceitável que os meninos sejam mais ativos, viris, demonstrem sua força, sua desenvoltura em atividades dinâmicas. A elas são apresentadas como adequadas ao seu sexo, apenas brincadeiras com bonecas, panelinhas, sendo essas, brincadeiras pouco dinâmicas. Todos esses aspectos, de certa forma, contribuem para que exista essa diferença de habilidade, pois não são possibilitadas as mesmas experiências motoras.

Os três alunos que sofreram exclusão nas aulas de Educação Física, foram um menino e duas meninas. Isso mostra que a exclusão não se dá apenas pelo fato de ser menina. Altmann (1998) observou o momento do recreio e as aulas de Educação Física em uma escola, e percebeu que existem diversos critérios que podem gerar essa situação. Sendo eles: gênero, idade, força e habilidade, formando assim, um emaranhado de exclusões vividas nas aulas. Portanto, a exclusão não se dá apenas para as meninas, mas os meninos, considerados menos habilidosos e os meninos mais novos, também são alvo de exclusões. Um dos possíveis motivos, talvez seja porque, o esporte que é tematizado na escola, abarca as características do esporte desenvolvido fora da escola, ou seja, competitivo e de alto nível de exigência física e técnica. A competição e a busca pela vitória, assim, acabam fazendo com que haja essa exclusão dos menos habilidosos. Cabe ao professor, desenvolver estratégias pedagógicas, com o intuito de adaptar/construir novas regras, de maneira que promova a participação de todos.

Durante a primeira intervenção feita no estágio, presenciei uma cena interessante, referente às relações estereotipadas entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Segue uma passagem do relatório final:

Ao organizarmos os alunos em duas equipes, eles estranharam um pouco a forma abordada por nós, pois fomos passando os números 1 ou 2 para cada aluno, independentemente de ser menino ou menina, e no final ficou a equipe 1 e a equipe 2. E em um momento dessa divisão, uma menina chegou até mim (Eduarda) e pediu que mudássemos os times, pois a outra equipe tinha mais meninos, então perguntei qual seria a diferença? Ela respondeu que a outra equipe estava mais forte. Entendi que seria por ter mais meninos, então respondi que

meninas também são fortes, ela respondeu que sabia disso e aceitou que a organização das equipes continuasse assim. (Primeira intervenção dia 05/05/2016)

Essa cena só reforça o que Pereira (2004) afirma:

As crianças reproduzem as situações a que estão, constantemente, sendo submetidas. Se a escola separa, limita, divide, organiza por sexo, os alunos vão seguindo essas orientações (PEREIRA, 2004, p. 73).

A escola tem papel fundamental para a formação dos alunos, portanto, cabe a esse ambiente, que tem como tarefa a educação de sujeitos, não reforçar essas ideias. Uma das alternativas possíveis seria um diálogo/problematização do professor com os alunos quando se deparar com essa situação. A fim de desvelar que são as diferenças culturais e sociais, que norteiam o que é mais apropriado para cada sexo, e não as diferenças biológicas (GOELLNER, 2010).

A intervenção/mediação pedagógica é fundamental para a desconstrução desses estereótipos nas aulas de Educação Física, proporcionando a mesma vivência corporal para meninos e meninas, conseqüentemente, conceberá a tolerância entre eles e promoverá um ambiente agradável (JESUS; DEVIDE, 2006).

Quando questionados sobre se preferiam que a aula de Educação Física fosse com todos os alunos juntos ou separados, as crianças responderam que preferiam quando jogavam juntas, porque a equipe fica maior e é mais divertido.

Quando era proposta uma atividade em que os alunos teriam que realizá-la todos juntos, como pique bandeira e queimada, era possível ver que meninos tinham mais desenvoltura e agilidade, enquanto a maioria das meninas ficava mais retraída, participava menos da dinâmica do jogo. Mas, em contraposição a isso, também ocorriam algumas tentativas de transgressões, em alguns momentos era possível ver algumas meninas tentando se destacar, participar mais do jogo, não tendo medo de jogar com os meninos.

O fato de ter observado essas tentativas de transgressões só confirma o que Goellner (2010) destaca, que essas diferenças de “habilidades” e escolha

das práticas não são comuns de cada sexo, mas sim, uma construção cultural, pois a escola reflete os costumes da sociedade, e culturalmente/historicamente existe atividades consideradas como femininas e outras masculinas. É muito importante que o professor diversifique os conteúdos de sua aula e que proporcione vivências que não deem ênfase a movimentos estereotipados, e que sempre que surja uma oportunidade, que converse com seus alunos sobre essas questões, pois com isso os alunos poderão refletir, se tornarem mais críticos e perceberem que devem ter respeito às diferenças e serem tolerantes com quem tem menos habilidade durante o jogo ou a brincadeira.

Considerando que os alunos gostam de realizar as aulas de Educação Física juntos, perguntei para os meninos se eles gostam de jogar com as meninas, com a resposta deles, já houve uma divergência com a fala anterior. O aluno Kaique responde o seguinte: “[...] *pode ser com menina também, é bem divertido*”, já a resposta do aluno Yuri, foi: “[...] *mais ou menos [...] porque as gurias, elas não sabem jogar direito, elas chutam a nossa canela (se referindo ao jogo de futebol)*”. Essa fala demonstra que esse aluno acredita que as meninas são menos habilidosas no jogo de futebol, demonstrando que não é interessante jogar com alguém menos habilidoso.

Como já foi discutido anteriormente, a fala desse menino tem como reflexo as oportunidades corporais diferenciadas oferecidas para eles e elas. Essa construção cultural diferenciada “[...] valoriza e incentiva apenas os meninos a participar de atividades esportivas mais ativas (como os jogos coletivos), limitando as meninas a brinquedos e jogos mais ‘parados’” (SILVA, 2003, p. 25). Isso acaba refletindo em um desempenho menor delas no jogo, quando comparadas com os meninos, pelo simples motivo de não terem tido oportunidades iguais. Mariano e Altmann (2016) reforçam essa ideia, quando afirmam que quando se oferece oportunidades distintas, a criança se desenvolve de maneira diferenciada, e acaba difundindo a ideia de uma “naturalização cultural” de diferenças de gênero.

Ao ouvir essas respostas, os questionei sobre se existe diferença de habilidade entre meninos e meninas. O aluno Yuri diz que meninos e meninas possuem mais ou menos as mesmas habilidades, já o aluno Kaique responde que “[...] *os meninos são um pouquinho melhor [...] pela capacidade de jogar [...] mas isso não contraria que elas não podem jogar*”. Com essas respostas,

pode-se perceber que esses meninos reconhecem que eles possuem maior habilidade do que elas, no que diz respeito à prática esportiva, porém, mesmo com essa diferença de habilidade nos esportes, eles gostam da presença delas, não veem essa diferença como um problema e concordam que elas devem participar dos jogos durante as aulas.

Na resposta do aluno Kaique, ele afirma acreditar que meninos são melhores que as meninas nos jogos desenvolvidos nas aulas de Educação Física. E mais uma vez aparece na fala das crianças um discurso que reflete os pensamentos sexistas da sociedade, no qual, acredita-se existir uma “habilidade natural” de cada sexo.

As mesmas perguntas foram feitas para as meninas. Na primeira questão, Maria Luiza relatou que gosta de jogar com os meninos porque “[...] *eles são mais divertidos, mais alegres*”. Já a aluna Caroline, responde que “[...] *é legal também, porque eles sabem jogar melhor do que as meninas*”. Com essa fala da aluna Caroline, percebe-se que os pensamentos sexistas da sociedade em relação a “habilidade natural” de cada sexo parecem estar tão impregnados nos pensamentos das crianças que a menina acaba acreditando nesse discurso.

Quando questionadas se existia diferença de habilidade entre meninos e meninas, Maria Luiza diz que não, todos possuem a mesma habilidade. Ao contrário, a aluna Caroline acredita que existe diferença, considerando os meninos melhores, pois “[...] *eles defendem bem*”, (se referindo ao jogo de futebol). Em seguida, a questioneei se as meninas defendem bem, ela completa dizendo que “[...] *não, que nem eu, sempre fico na goleira, às vezes eu consigo defender, às vezes a bola passa por baixo das minhas pernas*”. Foi possível observar a diferença de pensamento entre as meninas, no qual, uma menina concorda com os pensamentos dos meninos, reforçando a ideia que as meninas são menos habilidosas que eles, já a aluna Maria Luiza discorda dessa ideia, acreditando que todos possuem as mesmas habilidades.

Pelas falas registradas, a maioria das crianças acredita que os meninos são mais habilidosos do que as meninas nas aulas de Educação Física. Seguindo essa linha, os questioneei se eles se sentiam menos habilidosos que os colegas durante a aula, todos os alunos responderam que não, que eles tinham habilidade igual aos outros colegas. Em seguida, perguntei se eles já

tinham sofrido algum tipo de preconceito na aula. Os meninos responderam que não. Já a aluna Caroline, respondeu que sim, completou falando “[...] *me chamavam de gorda, não sabia brincar direito*”.

Durante a entrevista, foi possível observar que as crianças, na maioria das vezes, reproduziam os pensamentos sexistas da sociedade, acreditando que os meninos levam mais jeito para as práticas em Educação Física e as meninas são menos habilidosas. Mas, ao mesmo tempo, também é possível visualizar que a aluna Maria Luiza vai contra essas ideias, transgredindo alguns paradigmas. Quando ela diz que participa de uma escolinha de futebol, quando diz que gosta de jogar com os meninos, acreditando que eles e elas possuem as mesmas habilidades e até nas observações das aulas de Educação Física, quando ela era uma das poucas meninas que jogava futebol com os meninos, que era mais ativa, sempre participando de forma intensa nas aulas de Educação Física.

Dentro desse cenário de situações que promovem estereotípias nas aulas de Educação Física, esse comportamento da aluna Maria Luiza representa uma postura bastante significativa, pois ao transgredir as “regras” existentes, ela serve como referência para outras meninas observarem que não precisam simplesmente aceitar tudo aquilo que já está pré-disposto. Serve também para quebrar o pensamento dos meninos que acreditam que meninas não são habilidosas nos esportes.

Tudo que foi discutido ocorre como uma “reação em cadeia”, que se inicia na infância, onde meninos e meninas são apresentados a oportunidades corporais diferenciadas, que acabam promovendo um menor desempenho delas no esporte, gerando um sentimento de inferioridade (acreditando que meninos são melhores que meninas nos esportes), formando um pré-conceito que mulher não sabe jogar, reforçando o discurso sexista da sociedade, que influencia diretamente nas oportunidades distintas que o professor oferece para seus alunos nas aulas de Educação Física.

Um acontecimento se liga ao outro, cabendo aos pais e professores, a tarefa de um trabalho conjunto, da escola pensar em abordagens pedagógicas com objetivo de desconstruir essas atitudes estereotipadas presentes nas aulas de Educação Física.

3.2.3 Apontando a coeducação

Uma das possibilidades de pensar as aulas de Educação Física a partir das relações abordadas até aqui nessa pesquisa são as aulas coeducativas. Soares et al. (1998, p. 25), declaram que:

A coeducação aparece como o caminho inicial da busca de compreensão e transformação das relações estereotipadas entre os homens e mulheres, com vistas à humanização da sociedade. Isto porque a coeducação é uma prática conjunta de meninos e meninas, rapazes e moças, homens e mulheres, capaz de trabalhar com as diferenças sem discriminá-las em desigualdade.

Portanto, as aulas de Educação Física, seguindo essa perspectiva, podem ter como objetivo proporcionar as mais diversas práticas corporais, de maneira igual para ambos os sexos. Saraiva (1999) afirma que o professor deve proporcionar, de maneira agradável, as diferentes formas de comportamento do outro sexo, em clima de reconhecimento recíproco, buscando um ensino articulado, de forma que as experiências com outras práticas sejam positivas e agreguem ao repertório de movimento das crianças.

A mesma autora elencou alguns princípios das aulas coeducativas, são eles: a prática conjunta deve se dar de maneira gradativa, evitando possíveis conflitos; diversificar os conteúdos, de maneira que tenham mais relação com a realidade econômico-cultural da escola, evitando o rendimento; aceitação do seu próprio corpo em movimento nas aulas de Educação Física; o professor estimula seus alunos, tratando de maneira igual as meninas e os meninos; promover discussões e aprender através dos problemas que forem evidenciados nas aulas (SARAIVA, 1999).

Com esses princípios norteadores das aulas coeducativas, é possível perceber que essa perspectiva possui diversos “pontos positivos”, pois é por meio dessa convivência entre os diferentes que poderão ser quebrados os preconceitos, proporcionando um ambiente agradável, onde existe respeito à diferença, onde ambos os sexos terão oportunidades iguais e se desenvolverão em conjunto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste estudo, pode-se perceber que cada aluno traz consigo significados sobre as aulas de Educação Física. Cada um possui sua perspectiva, positiva ou negativa, que foi construída de acordo com suas experiências.

Notou-se que os conteúdos proporcionados nas aulas de Educação Física ou em outros espaços parecem contribuir para que estereótipos sejam reforçados. Mesmo nas aulas mistas, no qual o objetivo seria de proporcionar interação entre eles e elas, o que se tem observado é que os estereótipos acabam se reforçando. Pois, os alunos só participavam juntos quando a professora ministrava um conteúdo específico, como a queimada, por exemplo. Quando os alunos tinham liberdade de escolher a prática que quisessem nas aulas livres, geralmente escolhiam participar separados. No momento em que se juntam para realizar a mesma, ocorre um choque de diferença, onde os meninos acabam tendo um desempenho melhor, pois, eles possuem mais vivência naquelas práticas do que elas.

Com isso, é possível perceber o quão importante é a diversificação dos conteúdos por parte do professor, juntamente com uma abordagem pedagógica que problematize e faça os alunos refletirem sobre problemas ou dificuldades que surgirem durante a aula. Portanto, é papel do professor proporcionar um amplo leque vivências e de forma igualitária para meninos e meninas nas aulas de Educação Física.

No que se refere à relação entre eles e elas nas aulas, notou-se que cada aluno ou aluna possuía uma percepção relacionada à Educação Física. Foi possível observar o aluno que reproduzia um discurso sexista, que acreditava que as meninas eram menos habilidosas, sobretudo no futebol. Um aluno concordava que os meninos tinham maior habilidade em relação às meninas nos jogos nas aulas de Educação Física, porém ele gostava da participação delas e acreditava que essa diferença não é motivo para elas não jogarem. Uma menina gostava de realizar as aulas, porém por ter sofrido preconceito por parte dos meninos, ela acreditava ser inferior em relação as suas habilidades no jogo. E, por último, uma aluna que transgredia todas essas

ideias, ela era ativa, jogava futebol, acreditava na igualdade de meninos e meninas na aula.

Como forma de abordar esses diferentes olhares em relação à Educação Física, o professor pode proporcionar experiências e possibilidades iguais para meninos e meninas. Promover reflexões sobre o respeito às diferenças, a ser crítico e não preconceituoso. Atentar-se à possíveis problemas que surgirem e proporcionar experiências diversificadas.

Uma das possibilidades para lidar com essas situações seria desenvolver as aulas de Educação Física sob uma perspectiva coeducativa. Pois, através da diversificação dos conteúdos, reconhecimento e aceitação das suas próprias habilidades e oportunidades iguais para meninos e meninas, poderá ser suscitada a transformação das relações estereotipadas entre eles e elas durante as aulas de Educação Física e nas demais situações de convívio.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. 1998. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Estudos Feministas**, Florianópolis, p.491-501, 2011.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**. v. 19, n. 48, p.69-88, ago. 1999.

BRASIL. **Lei de diretrizes e base nacional**, LDB 10.328, de 12 de dezembro de 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais**. Brasília: MEC, 1998.

FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes. Futebol, questões de gênero e coeducação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. **Revista de Campo: Futebol e Cultura Brasileira**, v 2, 17-39. 1995.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4 ed. Petrópolis/RJ, 2008, v. 01, p. 53-65.

FERRAZ, Michelle Rodrigues; DEVIDE, Fabiano Pries . O discurso docente sobre a relação entre os conteúdos de ensino e as identidades de gênero. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Org.). **Educação Física e Gênero: desafios educacionais**. 1ed.ljuí: Unihuí, 2013, v. 1, p. 169-192.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A Educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação: Revista brasileira de ciências do esporte**, Porto Alegre, p.71-83, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A Produção Cultural do Corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 28-40.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Imperativos do ser mulher. **Motriz**, Rio Claro, v. 5, n. 1, p.40-42, 1999. Anual.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p.143-151, 2005. Abril/junho.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p.123-140, 2006. Setembro/dezembro.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. v. 1. 184p .

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MARIANO, Marina ; ALTMANN, Helena . **Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas?** Cadernos Pagu (UNICAMP), p. 411-438, 2016.

PEREIRA, Sissi Aparecida Martins. **O sexismo nas aulas de Educação Física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras** (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física. Rio de Janeiro: Departamento de Educação Física da Universidade Gama Filho. 2004.

ROMERO, Elaine. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de Educação Física**. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação Física e esportes: quando a diferença é mito**. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 1999. v. 1. 208p.

FRANCISCHI, Vanessa Gertrudes; SARAIVA, Maria do Carmo; KLEIUBING, Neusa Dendena. Dança e Gênero: possibilidades da educação inclusive. In: SARAIVA, Maria do Carmo; KLEIUBING, Neusa Dendena. **Dança: diversidade, caminhos e encontros**. 1. ed. Jundiaí - SP: paco editorial, 2012. v. 01. 188p.

SARAIVA, Maria do Carmo. Porque investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física Esporte e Lazer? **Motrivivência**, Florianópolis, v. 19, p. 79-85, 2002.

SILVA, Carolina Scolfaro Caetano da. **A construção dos estereótipos de gênero e a Educação Física escolar**. 2003. 33 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SOARES, Andresa; ANDRADE, Cibele Girardi; SOUZA, Elaine Cristina; SARAIVA-KUNZ, Maria do Carmo . **Improvisação e Dança: conteúdos para a dança na Educação Física**. 1. ed. Florianópolis: 1998. v. 01. 98p.

SOUZA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos**

CEDES, Campinas: Unicamp, ano XIX, n. 48, p. 52-68, ago. 1999.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Entrevista semi-estruturada como coleta de informação. In: **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987, p. 145-152.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Campus Universitário - Trindade
Florianópolis - SC - Brasil
Coordenadoria do Curso de Licenciatura em Educação Física

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Temos o prazer de convidá-lo (a) a participar da pesquisa, **“Gênero nas aulas de educação física: investigando o comportamento dos estudantes”**, sob a orientação da Prof^a Dr^a Luciana Fiamoncini, e, cuja finalidade é investigar as relações estereotipadas entre meninos e meninas evidenciadas durante o estágio supervisionado em Educação Física numa escola pública de Florianópolis. A importância da pesquisa está em descobrir quais são os fatores que mais influenciam para que esses comportamentos se manifestem e propor maneiras de minimiza-los. Para isso, serão realizadas entrevistas com o objetivo de colher e registrar essas informações. Caso aceite participar, garantimos que a sua identidade será mantida sob sigilo, que o seu depoimento será confidencial e apenas utilizado para tornar a pesquisa pública na forma de relatório de pesquisa, em artigos de revistas científicas, em apresentação em eventos acadêmico-científicos, ou publicação na forma de livro. Também fica assegurado o respeito e atendimento à sua vontade de a qualquer momento poder retirar o seu consentimento de participação na pesquisa.

Eduarda dos Passos Gonçalves
Pesquisadora principal – Licencianda

Prof^a Dr^a Luciana Fiamoncini
Pesquisadora responsável - Orientadora

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, responsável pelo(a) aluno (a), _____, fui esclarecido/a dos objetivos e da importância da pesquisa, **“Gênero nas aulas de educação física: investigando o comportamento dos estudantes”** e concordo que o seu depoimento seja utilizado, exclusivamente, para as finalidades acima referidas.

Assinatura: _____
Florianópolis, ____ de _____ de 2017.

NOME DOS PESQUISADORES PARA CONTATO

Profª Drª Luciana Fiamoncini
Pesquisador responsável – (48) 9905-1691
Email: luciana.fiamoncini@ufsc.com.br

Licencianda Eduarda dos Passos Gonçalves
Pesquisadora principal – (48) 96460213
Email: duda1eduarda@hotmail.com

APÊNDICE B: Roteiro de entrevista semiestruturada

Questões de identificação:

Idade:

Bairro onde mora:

Você pratica algum esporte/dança/atividade física fora da escola? Quais?

Questões relacionadas aos pais/familiares:

Seus pais te incentivam a realizar alguma prática corporal/esporte/atividade física? Quais?

Seus pais alguma vez já o proibiram de realizar alguma prática corporal/esporte/atividade física? Qual?

Questões relacionadas aos professores de EF:

Quais os principais conteúdos/práticas corporais/modalidades das aulas de EF?

Quais são os conteúdos/práticas corporais/modalidades que os alunos jogam todos juntos? Quais jogam separados? Por quê?

Você já quis participar de alguma prática corporal/modalidade e o professor negou?

Você já foi excluído pelos seus colegas de praticar alguma modalidade? O professor entrevistou?

Questões relacionadas aos colegas e ao próprio aluno:

Quais conteúdos/práticas corporais/modalidades você gosta de praticar nas aulas de educação física? Por quê?

Você prefere quando a aula é separada por modalidade/práticas corporais/conteúdos ou quando jogam todos juntos? Por quê?

Você gosta de jogar junto com os meninos? Por quê? (se a entrevistada for menina) - Você gosta de jogar junto com as meninas? Por quê? (se o entrevistado for menino)

Você acha que meninos e meninas possuem a mesma habilidade para realizar as atividades nas aulas de educação física?

O seu amigo(a) influencia/te incentiva a praticar alguma atividade/prática corporal nas aulas de educação física? (se ele/ela já deixou de jogar só por que o seu amigo/a não quis/ ou se ele/ela jogou por que seu amigo/a incentivou)

Você se sente menos habilidoso que os colegas durante as aulas de educação física? Por quê? Em qual situação?

Você já sofreu algum tipo de preconceito nas aulas de educação física? Qual? Por quê?

Como você se sente ao fazer alguma atividade em duplas de mãos dadas com algum colega? Se for menino? Se for menina? Por quê?

Questão relacionada à mídia:

Quais programas de/na tv você gosta de assistir? Por quê?